

ARTIGO 14/2019

Pera: potencial de exploração comercial em regiões brasileiras

José Emílio Bettiol Neto

Luiz Antônio Junqueira Teixeira

Vera Lúcia Nishijima Paes de Barros

Rafael Pio

Nobuyoshi Narita

A pereira pertence ao gênero *Pyrus*, à família *Rosaceae*. As regiões montanhosas da China Ocidental são consideradas o centro de origem deste gênero, o qual engloba cerca de 22 espécies, sendo todas nativas do continente asiático ou europeu. Além da pereira ocidental (*Pyrus communis*), originária da zona central do Oriente Médio, montanhas do Cáucaso e Ásia menor, também são encontrados os tipos asiáticos ou orientais, sendo *P. pyrifolia*, *P. ussuriensis*, *P. serotina* e *P. calleryana* originários do centro da China. No Brasil, as espécies *P. calleryana* ('Taiwan Nashi-C') e *P. betulaefolia* ('Manshu Mamenashi') são utilizadas como porta-enxerto), comumente conhecidos como porta-enxertos orientais.

Em 2017, a China foi o maior produtor mundial de pera, seguida pela Argentina, Itália, Estados Unidos, Turquia, África do Sul e Espanha. Estima-se que a produção global seja de, aproximadamente, 24 milhões de toneladas anuais da fruta, oriundas de 1,4 milhão de hectares cultivados. Sem dúvida, a China é líder mundial em área plantada, com pouco mais de 1 milhão de hectares cultivados, o que representa cerca de 73% da área cultivada no mundo. Em termos de produção, são colhidas nesse país cerca de 16 milhões de toneladas, entretanto observam-se alternâncias no *ranking* entre os outros países produtores do globo. Esse fato é atribuído à produtividade alcançada pelos pomares dessas regiões. A China, por exemplo, produz cerca de 17 t ha⁻¹, possivelmente por concentrar sua produção com pereiras asiáticas. Por outro lado, países como a Argentina, Estados Unidos, África do Sul e Chile, produtores de destaque no cenário mundial, alcançam produtividades superiores a 35 t ha⁻¹, ao passo que Zimbábue e Madagascar produzem menos que 2 t ha⁻¹. De qualquer forma, observa-se tendência do crescimento mundial da produção, pois, apesar de a América do Norte e Europa apresentarem certa redução da produção, a expansão de cultivos no continente asiático, principalmente na China, Coreia e Japão, na África e América do Sul, especialmente Argentina e Chile, tende a manter a ascendência do crescimento. Essas observações referem-se a dados da FAO, para a década de 2007 a 2017.

No *ranking* mundial, o Brasil está colocado apenas como o quadragésimo primeiro produtor, ficando atrás de países com extensões territoriais aquém da maioria dos estados brasileiros. Segundo o

IBGE, as áreas de produção estão concentradas basicamente nos estados do Sul e Sudeste brasileiro, sendo a produção, cerca de 22 mil toneladas anuais, insuficiente para atender à demanda interna. De acordo com o Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços, o Brasil importou 95 mil toneladas da fruta em 2018, ou seja, cerca de quatro vezes a produção nacional, fazendo com que a cultura represente uma excelente oportunidade de mercado para os produtores brasileiros.

Dados estatísticos do IBGE evidenciam que, de 1990 a 2001, a área cultivada com pereira em território nacional era de, aproximadamente, 2.000 hectares, atingindo o pico de 2.303 hectares em 1994. A partir de 2001, observou-se significativa redução de área, chegando em 2017 com cerca de 1.300 hectares, ou seja, nas últimas duas décadas, o cultivo da pereira deixou de ter expressão em 43% da área. Considerando-se as regiões produtoras brasileiras, nos últimos dez anos, notou-se certa estabilidade da área plantada na região Sul; por outro lado, na região Sudeste, houve redução de 74% da área cultivada com pereiras. Dessa forma, em 2017, a região Sul concentrou mais de 95% da área cultivada com a fruta no País.

No que se refere ao rendimento das culturas, pode-se considerar que o Brasil tem muito a avançar nesse quesito, pois, enquanto nossos vizinhos Argentina e Chile alcançam 36 t ha⁻¹ em suas áreas de cultivo, no Brasil, são produzidas apenas 17 toneladas em um hectare, conforme estatísticas da FAO. De qualquer forma, verifica-se certa tendência de aumento do rendimento nos pomares nacionais, principalmente com os resultados alcançados por Santa Catarina e Rio Grande do Sul que, em 2009, produziam 9 t ha⁻¹ e, em 2017, dobraram suas produtividades.

O pesquisador Ivan Dagoberto Faoro (EPAGRI) relata que os pomares brasileiros de pereira, em sua maioria, são do tipo caseiro, formados por cultivares de baixa qualidade, como ‘Smith’, ‘Garber’, ‘Kieffer’, ‘Le Conte’ e outras conhecidas como “pereira tipo d’água”, e com o mínimo de tecnologia empregada. Nos Estados de Santa Catarina, Paraná e São Paulo, existem alguns produtores cultivando pereira oriental, tais como ‘Okusankichi’, ‘Kosui’, ‘Ya Li’, ‘Hakucho’, ‘Hosui’ e ‘Nijisseiki’.

O Estado de São Paulo representa um dos maiores mercados consumidores do Brasil. Nesse contexto, o Entrepasto Terminal São Paulo (ETSP/CEAGESP) concentra expressivo volume de peras comercializados no País. Das 95 mil toneladas da fruta importadas em 2018, cerca de 72% foram comercializadas no entreposto. Por outro lado, da produção nacional (cerca de 22 mil toneladas, em 2017), passaram pelo entreposto apenas 5% desse volume.

Nos últimos dez anos, quase que a totalidade das peras comercializadas no ETSP/CEAGESP foram importadas (Figuras 1 e 2). Especificamente no ano de 2017, o maior volume comercializado veio da Argentina, seguido de Portugal e Espanha (Figura 3). As principais cultivares comercializadas no entreposto são Willians, Rocha, d’Anjou, Packham’s Triumph, além de outras de menor expressão (Red Bartlett, Winter Nelis, Hosui e Yellow Bartlett (Figura 4). Dentre as cultivares de maior expressão, estão a Willians, a d’Anjou e a Rocha, cuja principal procedência é a Argentina, para as duas primeiras cultivares, e Portugal para a pera Rocha.

A baixa oferta de peras produzidas no Estado de São Paulo está relacionada com problemas de manejo das plantas e com os fitossanitários, entre outras limitações, como a pequena área de cultivo e carência de material genético adaptado às condições climáticas regionais. Segundo Nobuyoshi Narita (Polo Regional da Alta Sorocabana/APTA, comunicação pessoal), um caso que ilustra essa situação é a produção de peras na Alta Sorocabana. No município de Narandiba, um fruticultor tradicional (Jorge Suzuki) erradicou sua área de cultivo da pera asiática 'OkusanKishi' por dificuldades na indução de florescimento, tanto da pera 'D'Água' (polinizadora), como da cultivar principal (asiática). Esse mesmo problema foi o fator de desestímulo de outros produtores da região, a exemplo dos localizados em Presidente Prudente e em Álvares Machado. De outra forma, em Rancharia, município com temperaturas mais amenas, a limitação ao cultivo foi de ordem fitossanitária. Mesmo obtendo sucesso na indução de florescimento das cultivares asiáticas (Okussankishi e Atago) e da polinizadora (D'Água), um dos pioneiros no cultivo de pera na região (Katsuyoshi Murata) enfrentou problemas com alta incidência da seca-dos-ramos (*Botryosphaeria ribis*), o que o fez abandonar a atividade. Há cerca de três anos, ciente do potencial de exploração comercial da fruta, este fruticultor retomou a atividade e obteve a primeira colheita desse pomar, formado pelas mesmas cultivares, na safra de 2018/2019.

Conscientes do potencial que a cultura representa para o País, pesquisadores de diversas instituições públicas de pesquisa e ensino, a exemplo do Instituto Agrônômico (IAC), da Universidade Federal de Lavras (UFLA), da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), dentre outras, têm somado esforços no sentido de promover a revitalização do cultivo dessa frutífera, nos mais distintos ambientes do País.

Estudos recentes, desenvolvidos no Estado de São Paulo, mostraram a viabilidade de produção em cultivo de híbridos de pereira na região leste paulista, mostrando adaptabilidade de materiais em região de inverno ameno. Diversos materiais (cultivares já consagradas no mercado, híbridos lançados pelo IAC e seleções) estão em observação a campo no sudoeste paulista. Em Minas Gerais, trabalhos revelaram a potencialidade de produção da fruta na região. Nestas pesquisas, foi evidenciada diversidade genética de materiais existentes no estado, a possibilidade de manejos diferenciados a fim de aumentar o rendimento na exploração comercial da fruta, bem como realizaram-se estudos sobre processamento da produção. De forma bastante inovadora, pesquisas desenvolvidas no semiárido brasileiro mostraram o potencial de adaptação e de produção de dois híbridos de pereira no Vale do São Francisco, utilizando técnicas de manejo de poda, controle da irrigação e uso de fitorreguladores de crescimento.

Apesar dos esforços da pesquisa no desenvolvimento de materiais de menor exigência em frio, em técnicas de produção em condições aquém das necessárias para a cultura, dentre outros, ainda há longo caminho a ser percorrido para que, assim como ocorrido com a maçã, passemos de grandes importadores para exportadores da fruta. Para que esse cenário se torne realidade, além da dedicação, comprometimento e anseio dos pesquisadores, da maior organização da cadeia produtiva da pera, é

imperativo o olhar mais atento do Estado quanto à necessidade de investimentos contínuos em pesquisa, a fim de beneficiar não apenas o produtor rural, mas também toda a sociedade.

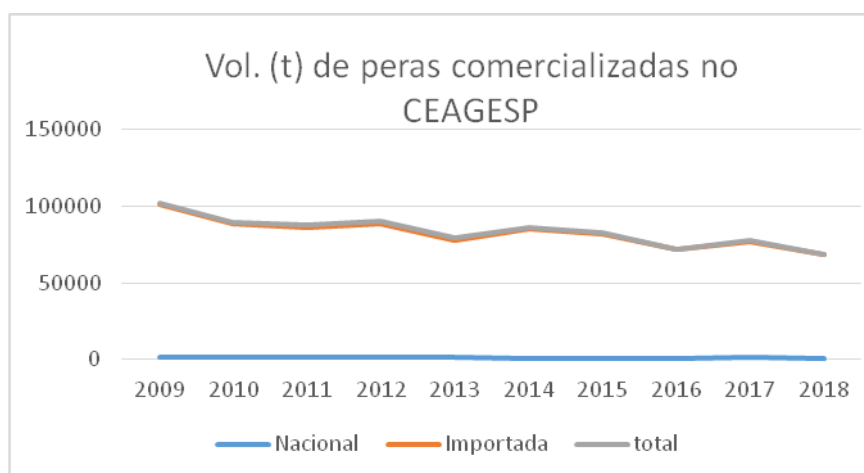


Figura 1: Volume anual (t) de peras comercializado no CEAGESP, no período de 2009 a 2018. Fonte: SEDES - Seção de Economia e Desenvolvimento/CEAGESP, comunicação pessoal, janeiro de 2019.



Figura 2: Porcentagem média anual do volume de peras comercializado no CEAGESP, no período de 2009 a 2018. Fonte: SEDES – Seção de Economia e Desenvolvimento/CEAGESP, comunicação pessoal, janeiro de 2019.

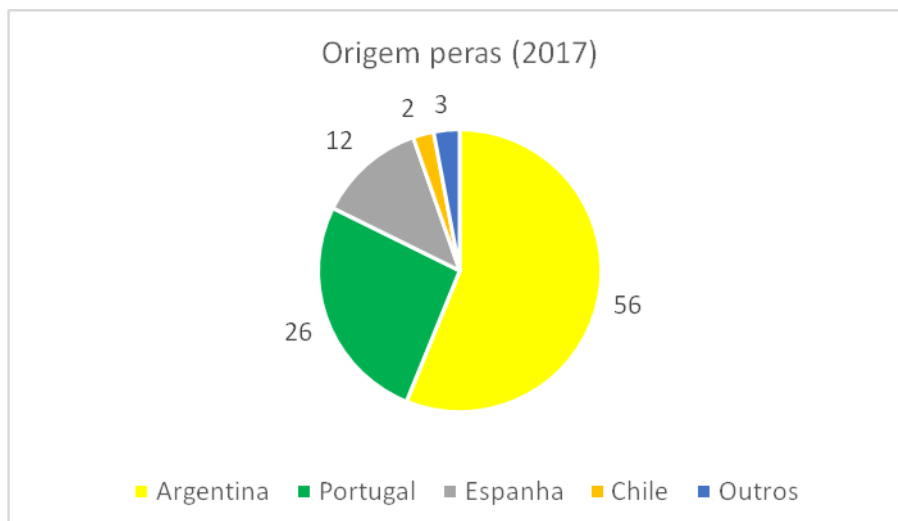


Figura 3: Porcentagem do volume de peras comercializado no CEAGESP, em 2017, segundo o país de origem. Fonte: SEDES – Seção de Economia e Desenvolvimento/CEAGESP, comunicação pessoal, janeiro de 2019.

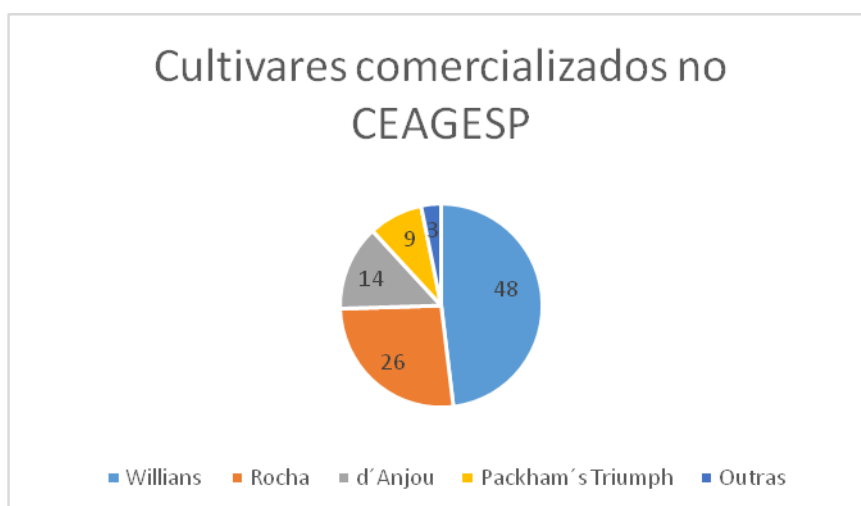


Figura 4: Porcentagem do volume de peras comercializado no CEAGESP, em 2017, segundo as cultivares. Fonte: SEDES – Seção de Economia e Desenvolvimento/CEAGESP, comunicação pessoal, janeiro de 2019.



Pyrus calleryana: 'Taiwan Nashi-C', um dos porta-enxertos utilizados para pereiras. Detalhe da folha (A) de *P. calleryana* (borda mais serrilhada, em primeiro plano) em relação à *P. communis* (segundo plano); plantas em produção (B) e detalhe das frutas maduras (C), Jundiaí/SP.



Produção de pereiras no Leste paulista (Jundiaí/SP): detalhes do início de florescimento (A); plantas em produção (B) e detalhe da frutificação (C).



Produção de pereiras no Sudoeste paulista (Capão Bonito/SP): detalhes do florescimento (A); plantas em produção (B) e detalhe da frutificação (C).